

Narrativas da Guerra ao Terror no Afeganistão e Iraque: o audiovisual como estratégia de *soft power* da política externa estadunidense (2009–2021)

Karolaine da Cunha¹; Fernanda de Moura Fernandes²

¹Universidade Federal de Pelotas – karolaine.cunha@ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas – fernandes.fernanda@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O objetivo geral da pesquisa é analisar as produções audiovisuais estadunidenses sobre os conflitos no Afeganistão e no Iraque no contexto da Guerra ao Terror, entre 2009 e 2021, identificando seu papel como instrumentos de *soft power* da política externa dos Estados Unidos. Esta iniciação científica é desenvolvida no âmbito da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I (TCC), vinculada ao curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Pelotas.

Os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, coordenados pela Al-Qaeda liderada por Osama Bin Laden, atingiram as Torres Gêmeas, o Pentágono e a Pensilvânia, causando centenas de vítimas nos Estados Unidos e impactando profundamente a política internacional (Pecequillo, 2003). Em resposta, o presidente George W. Bush implementou a Doutrina Bush e a chamada “Guerra ao Terror”, invadindo o Afeganistão e, em seguida, o Iraque (Waisberg, 2008). Posteriormente a Guerra ao Terror foi mantida pelos governos de Barack Obama (2009-2017) e Donald Trump (2017-2021), embora com enfoques distintos.

O problema da pesquisa, portanto, é compreender como a produção audiovisual funcionou como instrumento de *soft power* nas intervenções militares em ambos os países no contexto da Guerra ao Terror. A hipótese é de que, entre 2009 e 2021, houve um aumento no número de produções audiovisuais nessa temática e as mesmas atuaram como veículos de propaganda indireta, legitimando ações militares e moldando percepções internacionais.

O objeto de estudo se insere no debate sobre Política Externa no campo das RI, utilizando-se das contribuições de Nye (2008; 2004) acerca do conceito de *soft power* e sua instrumentalização na política externa dos Estados. Complementarmente, utiliza-se as contribuições de Adorno e Horkheimer (1947), Chomsky e Herman (2008) que discutem o conceito de indústria cultural e consenso fabricado e sua utilização na esfera política e social. Para compreender a política

externa estadunidense no período, serão utilizadas as obras de Pecequillo (2003), Bandeira (2007) e Unger (2016), por exemplo, que analisam diretamente as diretrizes dos sucessivos governos desde 2001.

2. METODOLOGIA

A pesquisa adota abordagem quali-quantitativa, com finalidade descritiva e analítica, utilizando as técnicas de pesquisa documental e revisão bibliográfica. Como fontes primárias, serão analisados filmes, séries e documentários disponíveis em plataformas de streaming e informações de bases especializadas como *IMDB* (*Internet Movie Database*), *Box Office Mojo*, *Rotten Tomatoes* e *Adoro Cinema*. Também serão examinados discursos e documentos oficiais dos governos relacionados à política externa, segurança e defesa, disponíveis no site oficial da Casa Branca. A revisão bibliográfica, por seu turno, incluirá teses, dissertações, monografias, disponíveis em bibliotecas digitais como UNB e UNESP, bem como artigos científicos disponíveis em bases acadêmicas como *SciELO*, Portal de Periódicos da Capes e *Redalyc*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do debate teórico acerca da política externa e as relações de poder entre os Estados no sistema internacional, é possível apresentar os resultados parciais que demonstram uma clara relação entre a política externa estadunidense e as produções audiovisuais realizadas após o lançamento da diretriz da Guerra ao Terror. Os atentados de 11 de setembro de 2001 desencadearam uma resposta que combinou *hard power* e *soft power* (Nye, 2004), estruturando a Doutrina Bush e inaugurando um ciclo de intervenções militares no Afeganistão e no Iraque. Ainda que os governos posteriores tenham introduzido mudanças de ênfase, como a retirada gradual das tropas promovida por Obama ou o nacionalismo securitário reforçado por Trump, a narrativa de combate ao terrorismo permaneceu como diretriz central da política externa e da atuação internacional dos Estados Unidos.

Nesse cenário, o audiovisual enquanto um meio de comunicação destacou-se como instrumento de *soft power*, conforme definido por Nye (2004), funcionando como meio de atração cultural e difusão ideológica em escala global. Filmes, séries e documentários passaram a retratar de maneira recorrente os conflitos no Oriente Médio, ora exaltando o heroísmo militar estadunidense, ora reforçando estereótipos

negativos sobre povos islâmicos, contribuindo para legitimar a continuidade das intervenções militares junto à opinião pública mundial. Assim, observa-se que, mesmo diante da mudança de presidentes e de estilos de governo, as produções audiovisuais mantiveram-se alinhadas às diretrizes da política externa estadunidense. A primeira produção de grande relevância, nesse sentido, foi “The Hurt Locker” ou “Guerra ao Terror”, lançado em 2008, ainda durante o governo Bush e dirigido por Kathryn Bigelow, com uma bilheteria de aproximadamente 49 milhões de dólares.

Autores como Adorno e Horkheimer (1947) ao conceituarem a indústria cultural, ajudam a compreender esse processo, na medida em que revelam como o entretenimento, convertido em mercadoria, também atua como mecanismo de reprodução ideológica. De forma complementar, o conceito de consenso fabricado, de Chomsky e Herman (2008), evidencia como os meios de comunicação filtram e organizam narrativas que atendem aos interesses das elites, inclusive em contextos de guerra. Assim, pode-se afirmar que a produção audiovisual estadunidense não apenas refletiu a Guerra ao Terror, mas desempenhou um papel ativo na construção de consensos e na legitimação das ações militares em escala internacional.

Portanto, como resultado parcial, nota-se que entre 2009 e 2021 as produções audiovisuais estadunidenses contribuíram para consolidar uma hegemonia simbólica, funcionando como parte integrante da política externa dos Estados Unidos. No período, identificou-se aproximadamente 12 obras de grande relevância e alcance, que continuaram a ser produzidas nos governos subsequentes ao de Bush. Mesmo ainda sem a análise empírica detalhada das obras, que será realizada posteriormente, já é possível observar como os filmes e séries desempenharam um papel relevante na diplomacia pública estadunidense (Nye, 2008), capaz de difundir valores, moldar percepções e projetar a posição de liderança internacional dos Estados Unidos como ator hegemônico na esfera militar.

4. CONCLUSÕES

Como conclusões parciais, portanto, observa-se que a Guerra ao Terror não se limitou ao *hard power*, utilizando também o *soft power* para disseminar valores e narrativas estadunidenses por meio de filmes, séries e documentários para a opinião pública doméstica e internacional acerca do terrorismo. Entre 2009 e 2021, houve uma continuidade deste tipo de produção nos governos Obama e Trump, ajudando a

legitimar intervenções militares e a moldar percepções globais sobre as diretrizes estabelecidas inicialmente por George W. Bush.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. Acesso em: 5 ago. 2025.

BANDEIRA, Luiz. **A desordem mundial: o espectro da total dominação, guerras por procuração, terror, caos e catástrofes humanitárias**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2016. 347 p. ISBN 978-85-200-1316-8. Acesso em: 5 ago. 2025.

CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward. **Manufacturing consent: the political economy of mass media**. Londres: The Bodley Head, 2008. 582 p. ISBN 9781407054056. Acesso em: 5 ago. 2025.

NYE, Joseph S. **Public diplomacy and soft power**. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v. 616, n. 1, p. 94-109, mar. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0002716207311699>. Acesso em: 5 ago. 2025.

NYE, Joseph S. **Soft power: the means to success in world politics**. New York: Public Affairs, 2004. 206 p. ISBN 9781586482251. Acesso em: 5 ago. 2025.

PECEQUILLO, Cristina S. B. **As faces e consequências do terror: de 11/09 à Doutrina Bush**. Ideias, Campinas, v. 10, n. 2, p. 55–81, 2003. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pub/livros/1432>. Acesso em: 5 ago. 2025

UNGER, David. **The foreign policy legacy of Barack Obama**. *The International Spectator*, v. 51, n. 4, p. 1-16, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/03932729.2016.1227914>. Acesso em: 5 ago. 2025.

WAISBERG, Tatiana. **Obama e política exterior: novas perspectivas para a guerra contra o terrorismo**. Meridiano 47, Brasília, n. 100, p. 42–43, nov. 2008. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/MED/article/view/3445>. Acesso em: 5 ago. 2025.

BOX OFFICE MOJO. **The Hurt Locker**. Disponível em: https://www.boxofficemojo.com/title/tt0887912/?ref_=bo_se_r_1. Acesso em: 26 ago. 2025.